

## APRESENTAÇÃO

*Sociologia & Antropologia* começa seu número 3 volume 8 manifestando nossa solidariedade ao Museu Nacional da UFRJ e aos colegas que lá trabalham. O incêndio que tomou conta do prédio histórico da Quinta da Boa Vista na noite de 2 de setembro representa uma tragédia para nossa universidade e, na verdade, para a comunidade acadêmica e para toda a sociedade brasileira. Não podemos deixar de nos dirigir diretamente aos colegas do PPGAS e da revista *Mana*, amigos e parceiros de *Sociologia & Antropologia*.

É também do Museu Nacional, seu papel na formação de antropólogos e sociólogos voltados para os fenômenos urbanos brasileiros, em especial o estudo de favelas cariocas, que trata o presente número. Integra-o um conjunto de textos inéditos sobre o antropólogo norte-americano Anthony Leeds que, com expressiva passagem pelo Museu Nacional, foi um dos pioneiros nesse campo de pesquisa entre nós. Campo de pesquisa que se completaria, justamente no Museu Nacional, com os trabalhos de antropologia urbana do saudoso Gilberto Velho.

O número se abre com entrevista sobre Anthony Leeds realizada por Nísia Trindade Lima e Rachel de Almeida Viana com Elizabeth Leeds e Luiz Antonio Machado da Silva. As entrevistadoras assinam ainda artigo no qual analisam os trabalhos realizados no Brasil por Anthony Leeds, comparando sua tese de doutoramento sobre a zona do cacau, a pesquisa sobre carreiras brasileiras e a análise sobre favelas. Argumentam que, em particular, o estudo das favelas do Rio de Janeiro permitiu um maior refinamento das reflexões de Leeds sobre a organização social no Brasil.

O artigo de Katherine Donahue enfoca o trabalho de Leeds fora do Brasil, dimensão ainda pouco conhecida, especialmente pelo público brasileiro. Percorrendo seus trabalhos na Venezuela, em Lima, na região de colinas do Texas, sobre os criadores de rena Chukchis, os porcos na Melanésia, a migração laboral portuguesa, a autora destaca a contribuição de Leeds para o entendimento teórico dos vínculos entre o rural e o urbano.

“Quanto vale uma favela” reúne e divulga, pela primeira vez, o texto da conferência proferida em 1968 por Anthony Leeds no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, acompanhado de comentário de Mariana Cavalcanti. Nela, Leeds aborda de modo inovador o tema dos investimentos em infraestrutura e dos capitais que circulavam nas favelas cariocas ao criticar a visão então hegemônica da favela como um problema, discutindo essa alternativa de localidade de moradia a partir da agência dos trabalhadores urbanos e como um projeto de vida nas cidades, diante de uma situação de profunda desigualdade.

O registro de pesquisa “Anthony Leeds: o esquecimento e a memória” reúne dois textos. O depoimento de Licia do Prado Valladares, uma das principais estudiosas da questão urbana e das favelas no Brasil, sobre a importância da obra de Anthony Leeds, não obstante seu esquecimento pelas novas gerações de pesquisadores, depoimento dado por ocasião da inauguração do Fundo Anthony Leeds na Casa de Oswaldo Cruz da Fiocruz; e a nota técnica de Aline Lopes de Lacerda e Ana Luce Girão, suas organizadoras. Acompanham ainda fotografias, que traduzem a riqueza da abordagem de Leeds ao atribuir aos moradores, com os quais interagiu em suas pesquisas, a condição de sujeitos ativos na coprodução da favela e da cidade.

O papel e os significados da construção intelectual de Alfredo Volpi, pelo crítico Mário Pedrosa, para os cânones estéticos modernistas vigentes na década de 1950

são discutidos por Marcos Pedro Rosa em “A tale of masters and islands: Volpi claimed by Mário Pedrosa”.

O modernismo retorna em outra chave sociológica na discussão de um aspecto central da tradição cultural brasileira, a relação entre original e cópia, e a partir de um dos movimentos culturais mais exitosos, a Antropofagia. Situando-a em seu contexto original, Bernardo Ricupero pretende não apenas esclarecer os significados da Antropofagia de Oswald de Andrade, mas também seu sentido mais amplo, perguntando, de modo provocativo, até que ponto ela poderia transcender seu ambiente e ser confrontada com recentes formulações pós-coloniais.

Em “Aldeinha: a margem esquerda do rio Aquidauana”, Messias Basques apresenta outra história sobre a presença dos Terena no estado do Mato Grosso do Sul que, em 1933, fundaram uma comunidade conhecida como Aldeinha. A história oficial do município silencia a existência de indígenas na região, e tampouco reconhece a atuação fundamental dos Terena como trabalhadores nas fazendas, nas atividades domésticas e comerciais e nas instituições do poder público local.

“África... mas não muito!”, de Andréa Lobo, discute turismo e africanidade em Cabo Verde, especialmente a partir da relação entre cabo-verdianos e turistas europeus que, cada vez mais, se deslocam para o arquipélago em busca de experiências africanas em um ambiente calmo, paradisíaco, exótico e tropical.

Em “Critique-form, forms of critique”, Alexandre Werneck e Pricila Loretti analisam o papel desempenhado pelas várias dimensões formais de uma crítica em sua efetivação. Por um lado, exploram as críticas mútuas entre moradores de uma favela carioca e a concessionária de energia que nela passa a atuar mais intensivamente após a implantação de uma UPP. Por outro, analisam como a crítica é operada de forma jocosa, tanto modulada, isto é, constantemente ajustada para evitar a formação de momentos críticos, quanto acusatorial, observada notadamente em cartazes das manifestações de 2013 e 2014 que usaram o humor para ironizar a situação política do país.

Fechando os artigos deste número, temos “Vociferando contra o Iluminismo: a ideologia de Steven Bannon”, em que Jeffrey Alexander, mobilizando categorias da sociologia cultural que vem formulando, analisa como Bannon, considerado o principal ideólogo do governo de Donald Trump, vem construindo poderosas narrativas a partir de simplificações binárias do conflito político, purificando os grupos que encarnariam a “verdadeira América” – nacionalistas, brancos e cristãos – e legitimando a exclusão dos demais. Amplificada de modo poderoso nas *performances* políticas de Trump, a ideologia codificada por Bannon tem sido capaz de produzir efeitos perversos na ordem democrática contemporânea. Além do interesse que tem também para pensar o contexto político brasileiro atual, esse artigo de Jeffrey Alexander funciona ainda como uma espécie de introdução a seu pensamento, já que o leitor de *Sociologia & Antropologia* encontrará em nosso próximo número (1/9 de 2019) um conjunto de textos inéditos sobre a sociologia cultural, certamente uma das correntes mais influentes da sociologia norte-americana hoje.

Encerram o presente número três resenhas. “A prática da teoria”, de João Paulo Bachur sobre o livro *Teoria dos sistemas na prática*, v. I (*Estrutura social e semântica*), de Niklas Luhmann, recém-publicado pela Editora Vozes. A resenha de Lidiane Soares Rodrigues sobre *Sonhos da periferia. Inteligência argentina e mecenato privado*, de Sergio Miceli. E a de Livia Boeschstein e José Carlos Rodrigues sobre *O paraíso do consumo: Émile Zola, a magia e os grandes magazines*, de Everardo Rocha, Marina Frid e William Corbo.

Desejamos a todas e todos ótimas leituras.

## BEATRIZ

Este número da revista estava sendo fechado quando ocorreu o falecimento de nossa amiga e colega Beatriz Alasia de Heredia. Historiadora de formação, refugiada da ditadura argentina dos anos 1970, Beatriz realizou mestrado e doutorado em antropologia social no Museu Nacional, e pós-doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales, na França, onde foi também professora visitante. Tornou-se, em 1979, professora do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da UFRJ, além de pesquisadora 1 do CNPq e Cientista do Nosso Estado da Faperj. Foi autora ou organizadora de 12 livros e publicou cerca de 70 artigos e capítulos, tendo orientado mais de 30 dissertações e teses. Depois de ter sido chefe de departamento e coordenadora do PPGSA, era no momento vice-diretora do Colégio Brasileiro de Altos Estudos – CBAE, também de nossa universidade.

Sua contribuição à antropologia foi marcada pela originalidade na introdução – junto a seus parceiros acadêmicos mais próximos, como Moacir Palmeira, Afrânio e Marie-France Garcia, José Sérgio Leite Lopes, Rosilene Alvim e a saudosa Lygia Sigaud, entre outros – de temas e abordagens que atravessaram, no seu caso, a experiência camponesa no Nordeste, os assentamentos rurais e a reforma agrária, a antropologia (da) política, a expansão do agronegócio, os movimentos sociais e a esfera pública... Professora querida e admirada por seus alunos, a marca de suas aulas, pesquisas e escritos vinha da observação aguda dos grandes processos – “compostos por inumeráveis e às vezes imperceptíveis ações cotidianas”, como lembrava –, mas também da capacidade e sensibilidade para ouvir os vários sujeitos das relações sociais, expondo as diferentes perspectivas em contato e revelando as principais contradições.

Dialogando com aportes teóricos que passavam por Eric Wolf, pelo marxismo, pela antropologia estrutural e pela sociologia reflexiva de Bourdieu, noções como *modelos de dominação* – entre as classes, mas também no interior delas, reproduzindo a desigualdade – ou *lógicas da política*, diferenciadas e convivendo hierarquicamente entre si, revelavam complexidades e ganhavam vida, influenciando outros trabalhos científicos nacionais e latino-americanos especialmente, bem como possibilitando sua apropriação social e política pelos movimentos coletivos e organizações populares que Beatriz assessorava.

Nestes tempos de recrudescimento de propostas políticas autoritárias, de ataques à universidade, à diversidade sociocultural e aos direitos humanos fundamentais tão duramente conquistados, as homenagens a Beatriz devem também se traduzir no compromisso de, como fez ela, escutar e tentar compreender os sons que vêm da sociedade, sem perder de vista os objetivos de justiça social e democracia.